



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

A SUBJETIVIDADE DA MULHER NEGRA NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Juliana Santana dos Santos¹; Edna Ribeiro Marques Amorim²

1. Bolsista – Juliana Santana dos Santos, PEVIC/UEFS, Graduada em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: julianasantana9805@gmail.com
2. Orientadora Edna Ribeiro Marques Amorim, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ednamar@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Estudos discursivos foucaultianos; Mulheres; Literatura negra.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho teve como objetivo analisar, dentro de uma perspectiva foucaultiana (2022), no campo da análise do discurso, a subjetividade da mulher negra em contos de Conceição Evaristo, que estão presentes em seu livro “Olhos d’água”, publicado em 2016, pela editora Pallas. Esse estudo propôs compreender as relações estabelecidas entre a mulher negra e o seu meio social, a maternidade e suas relações efetivas, como esses temas são representados na obra e como esses tópicos são relevantes para a compreensão do conceito *escrevivência*, o qual foi cunhado por Conceição Evaristo (2020) e no qual aproxima as palavras *escrever* e *vivência*. Ela escreve a partir de sua vivência como mulher negra que morou na favela e teve que enfrentar as dificuldades de uma vida pobre. Em seus contos, retrata a exclusão das pessoas negras, na sociedade brasileira, marcada pela falta de oportunidades e pelo racismo. Sobre essa escrita que resgata a memória ancestral, a autora afirma:

[...] *Escrevivência*, em sua condição inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso afirmo: ‘a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’. (EVARISTO, 2020, p. 30)

Esse conceito de *escrevivência*, neste trabalho, foi relacionado com o conceito foucaultiano de escrita de si (1992). Pensando nas relações entre sujeito e verdade, dentro da

cultura de si, Foucault (1992) descreve a escrita de si com a função de transformação do sujeito, possibilitando que ele faça, a partir de seus escritos, uma reflexão sobre a realidade. Se essa realidade, dentro do quadro das relações de poder, se apresenta de maneira opressora, o sujeito pode rebelar-se, recusando-se a ocupar esse lugar de subalternidade que foi pensado para ele. Dessa forma, essa escrita se revela também como uma prática de resistência (AMORIM, 2022) e é nesse lugar que a obra de Conceição Evaristo é vista neste trabalho.

Durante muitos séculos no Brasil, os negros foram oprimidos, eles não tinham voz, direitos, nem a sua própria identidade, não estavam autorizados a escrever, além do que a maioria dos negros não era alfabetizada. É importante ressaltar que a mulher negra sofreu ainda mais com isso, tanto pelo racismo, quanto por sua condição de gênero, muitas vezes sendo considerada como frágil ou até mesmo incapaz de desenvolver um trabalho intelectual. Em contrapartida, é possível notar atualmente um crescimento no interesse por práticas de leitura voltadas à literatura feminina negra, com a publicação de uma diversidade de títulos escritos por mulheres negras, além da proliferação de perfis, em redes sociais, que divulgam esse tipo de conteúdo literário e que têm incentivado a leitura dessas obras.

Analisando esse contexto, dentro de uma perspectiva foucaultiana (2022) de análise do discurso, entende-se a força desses discursos que legitimam essa literatura, como forma de resistência à uma biopolítica de leitura que controla sujeitos e saberes, e faz com que mulheres escritoras negras ainda sejam muito pouco reconhecidas.

Diante desse quadro, destaca-se a relevância deste trabalho para dar mais visibilidade à escrita de mulheres negras e para possibilitar mais estudos em leitura, numa perspectiva foucaultiana.

MÉTODO

O trabalho foi desenvolvido no âmbito dos Estudos Discursivos Foucaultianos, fazendo o uso do método arqueológico de Michel Foucault (2022). A partir da noção de formação das modalidades enunciativas, própria do método arqueológico, foram tomadas as seguintes questões norteadoras: Qual o perfil da mulher negra presente no livro “Olhos d'água”? Qual o lugar das leituras produzidas por escritoras negras? Sob que olhar a leitura se constitui numa discursividade de base cultural negra?

RESULTADOS

A pesquisa analisou a subjetividade da mulher negra na obra de Conceição Evaristo (2016), utilizando as modalidades enunciativas de Michel Foucault (2022) como base teórica e incorporando elementos da escrevivência, conceito central na obra da autora, e da escrita de si, outro termo conceituado por Foucault (1992). Os resultados obtidos mostram como as personagens negras femininas nas narrativas, especialmente nos contos “Maria” e “O cooper de Cida”, enfrentam várias formas de opressão, como o racismo estrutural, o sexismo e a marginalização econômica. No entanto, a pesquisa destaca como essas personagens encontram formas de resistência, que são visíveis tanto na forma como lidam com as adversidades quanto na maneira como suas histórias são contadas.

No conto “Maria”, a protagonista é uma mulher negra, trabalhadora, que lida com a exploração econômica e a marginalização imposta por uma sociedade racista. O trabalho doméstico, descrito por Pereira (2011), é entendido como uma continuidade histórica da

exploração de mulheres negras no período pós-abolição, perpetuando sua exclusão social e econômica.

Outro ponto abordado é o legado emocional e afetivo da escravidão na vida de Maria. A personagem enfrenta a solidão e a falta de relações familiares. Isso reflete a desumanização sofrida pelas mulheres negras durante a escravidão, que as impediu de desenvolver vínculos afetivos. Essa perspectiva é reforçada pelo discurso de Sojourner Truth, citado por Djamila Ribeiro (2017), que questiona a negação da feminilidade e humanidade das mulheres negras.

O racismo estrutural é evidenciado no momento em que Maria é injustamente associada aos criminosos durante o assalto. Uma análise de Gonçalves, Souza e Silva (2019) ressalta como o racismo no Brasil é um elemento estrutural da sociedade, afetando a forma como os corpos negros são vistos como perigosos e culpados, independente de suas ações. Essa visão é reforçada pela brutalidade do linchamento sofrido por Maria, que ecoa práticas históricas de controle social racial, como os linchamentos que aconteciam nos Estados Unidos, conforme estabelecidos Ribeiro Júnior e Veloso (2015).

No conto “O cooper de Cida”, Conceição Evaristo (2016) explora as tensões entre tempo, produtividade e a subjetividade da mulher negra no contexto de uma sociedade capitalista e urbana. A protagonista do conto se distanciou de sua terra natal em busca de melhores condições de vida. Ela deixou um lugar sossegado do qual ela mal lembra o nome e embarcou na correria da cidade grande. O espaço que ela ocupa é de prestígio, mas ela percorreu uma longa trajetória para chegar até ele, pois ela não nasceu em berço de ouro. Uma mulher negra, que lutou para ter oportunidades e que vive uma luta contínua pela preservação desse espaço. A vida de Cida é um constante “cooper”.

A escrivência de Conceição Evaristo (2020), ao ligar a experiência pessoal à memória coletiva, oferece uma narrativa de resiliência e luta, desafiando as normas sociais e afirmando a centralidade das experiências negras femininas na literatura contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribui para a ampliação dos estudos sobre a literatura feminina negra, destacando a importância de obras de autoras como Conceição Evaristo no cenário acadêmico e literário. Ao analisar suas narrativas sob uma perspectiva foucaultiana, a pesquisa trouxe um novo olhar sobre a leitura de textos literários, evidenciando as relações de poder, os discursos e as subjetividades que permeiam a vida das mulheres negras. Isso traz uma maior visibilidade à mulher negra enquanto autora e protagonista de suas próprias histórias.

Essa visibilidade é essencial não apenas para promover o patrimônio no campo literário, mas também para destacar o papel transformador que essas narrativas têm na sociedade. As histórias de resistência e luta encontradas na obra de Evaristo (2016) são apresentadas para a construção de novos paradigmas sociais, capazes de desnaturalizar as opressões de gênero, classe e raça.

REFERÊNCIAS

- [1] AMORIM, Edna Ribeiro Marques. **Discurso, literatura e resistência**: uma análise foucaultiana de escritas de si da poeta negra baiana Júlia Suzarte. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

(PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022. Disponível em: [■ Edna Ribeiro Marques Amorim.pdf](#) Acesso em: 12 de janeiro de 2024.

[2] EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE. Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (org.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. (p. 30) (pdf). Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

[3] EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p.

[4] FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. – 8. ed. – [Reimpr.] – Rio de Janeiro: Editora Forense, 2022.

[5] FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. *In*: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. (p.129-160). Disponível:<https://casadohiphopdeportofeliz.files.wordpress.com/2015/10/foucault-michel-a-escrita-de-si.pdf>. Acesso: 08 janeiro 2024.

[6] GONÇALVES, André de Menezes; SOUSA, Tatiana Raulino de; SILVA, Patrícia Cavalcante da. **RACISMO ESTRUTURAL OU EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL? ELEMENTOS PARA O DEBATE**. *In*: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019. 2019.

[7]RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

[8] RIBEIRO JÚNIOR, Humberto; VELOSO, Felipe Machado. **A Justiça nas Mãos do Povo**: um estudo sobre a história, etimologia e a motivação do linchamento. Revista de Teorias e Filosofias do Estado, v. 1, n. 1, p. 01-17, 2015.

[9] PEREIRA, Bergman de Paula. **De escravas a empregadas domésticas**: a dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição. Anais do Encontro da ANPUH, 2011.